

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

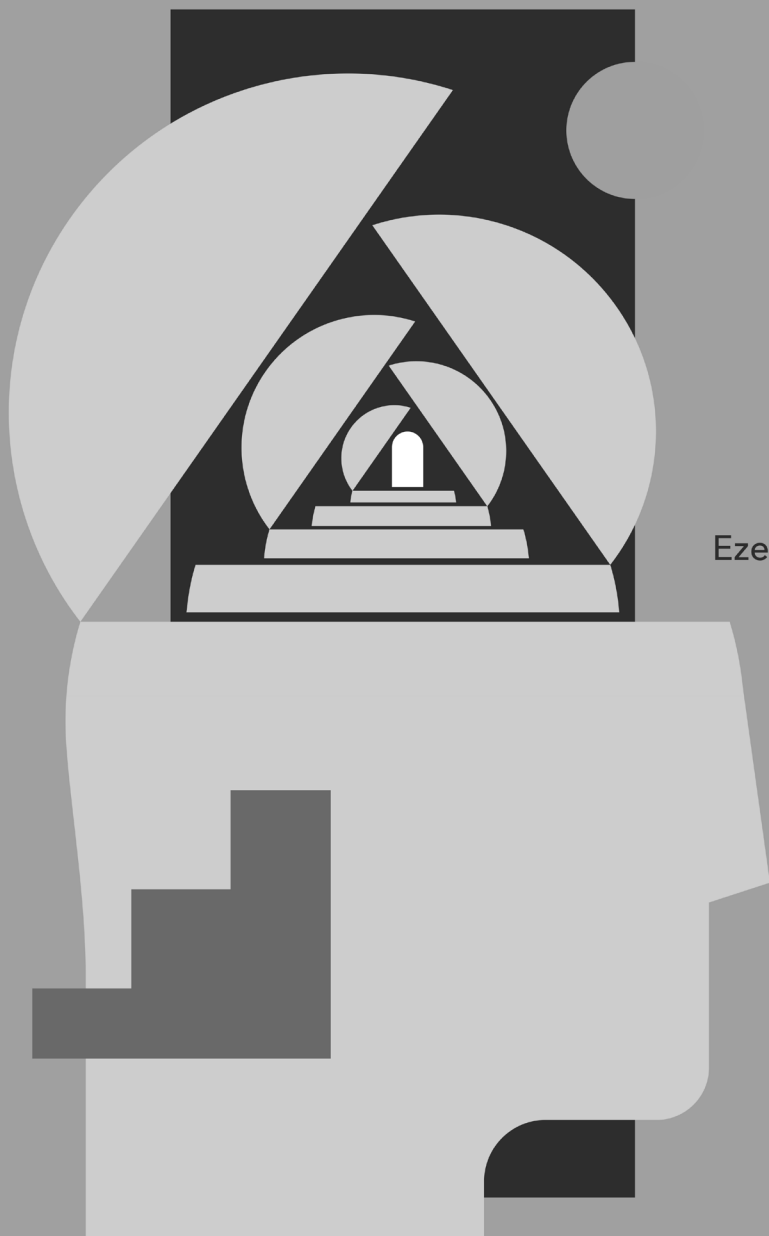


Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: identidade profissional e compromisso social

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: identidade profissional e compromisso social /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-939-4

DOI 10.22533/at.ed.394213003

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Lightner Witmer, funda em 1896, na Universidade da Pensilvânia, o que podemos sem muita dificuldade nomear como a “primeira clínica psicológica”. É notável que o período histórico se equivale ao mesmo que em Viena, o austríaco Sigmund Freud inicia seus procedimentos que levam mais tarde o trato de Psicanálise. Mas a distância entre fundação e construção se marca de modo a poder creditar a Witmer esse pilar.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Tendo, pois, esse universo multívoco em torno da Psicologia, a *Coleção Psicologia: Identidade Profissional e Compromisso Social*, se estabelece na tentativa de elucidar sobre essas várias apreensões possíveis pelos profissionais da Psicologia. Contamos nesse primeiro volume com 20 artigos de autores de diversas partes do mundo, que relatam prioritariamente os trabalhos da Psicologia em suas fronteiras com a educação, o mundo organizacional e com a sociedade.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO PELA PERCEPÇÃO DO TRABALHADOR DURANTE A PANDEMIA

Maria Helena Maia e Souza
Priscila Samara da Silva
Karla Maria Pereira dos Santos
Islanny Grazielly Azevedo Coutinho
Denise Ferreira Brito
Georgia Ferreira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.3942130031

CAPÍTULO 2..... 10

PSICOLOGIA E PROCESSOS DE GESTÃO: UM ESTUDO DE CASO EM SUPERMERCADO DO SUL DO ESTADO DE GOIÁS

Renata Martins do Carmo
Patrícia Francisca dos Santos Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.3942130032

CAPÍTULO 3..... 21

UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DOS AUXILIARES ADMINISTRATIVOS

Estéfani Barbosa de Oliveira Medeiros
Cláudia Reis Flores
Loren Aita Riss

DOI 10.22533/at.ed.3942130033

CAPÍTULO 4..... 35

PROMOÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS PARA APRENDER

Luciana Toaldo Gentilini Avila
Lourdes Maria Bragagnolo Frison (*in memoriam*)

DOI 10.22533/at.ed.3942130034

CAPÍTULO 5..... 46

IMPORTÂNCIA DOS COMPORTAMENTOS DE CIDADANIA ORGANIZACIONAL NA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DE RISCO - LEI DE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

Paula Costa Neves
Rui Paixão

DOI 10.22533/at.ed.3942130035

CAPÍTULO 6..... 50

VOU PARA A ESCOLA, E AGORA? DO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1º CEB: CRENÇAS INFANTIS

Elisabete Batoco Constante de Brito

Filomena de São José Bolota Velho

DOI 10.22533/at.ed.3942130036

CAPÍTULO 7..... 68

EXPECTATIVAS Y ESTILOS DE CRIANZA DE LOS PADRES Y MADRES DE ESTUDIANTES CON HABILIDADES DIFERENTES- HUÁNUCO,PERÚ

Líliá Lucy Campos Cornejo

Ana María Victorio Valderrama

Miguel Angel Jaimes Campos

DOI 10.22533/at.ed.3942130037

CAPÍTULO 8..... 80

EXPERIÊNCIAS DE VÍTIMAS DE BULLYING ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA FUNDAMENTADA

Wanderlei Abadio de Oliveira

Rosimár Alves Querino

Claudio Romualdo

Vinícius Alexandre

Yurín Garcêz de Souza Santos

Simona Carla Silvia Caravita

Marta Angélica Iossi Silva

Manoel Antônio dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3942130038

CAPÍTULO 9..... 91

A INFLUÊNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NA AUTOIMAGEM DO ALUNO

Amanda Souza Vieira

Érica Queiroz de Moura

Gabrieli Camargos Cunha Santana

DOI 10.22533/at.ed.3942130039

CAPÍTULO 10..... 100

A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR ATRAVÉS DA PRÁTICA DE ACOMPANHAMENTO TERAPEÚTICO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Keilany Botelho Araujo

Maria Guedes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.39421300310

CAPÍTULO 11..... 111

ABORDAGEM DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL PELO GRUPO TERAPÊUTICO ALIMENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ianna Andrade Oliveira

Janielly Vilela dos Santos Gonçalves

Vanessa Santos Araújo

Thays da Silva Nogueira

Bruna da Costa Viana

Fernanda Andrade Martins

Dandara Barahuna Guimarães Bezerra
Suellem Maria Bezerra de Moura Rocha

DOI 10.22533/at.ed.39421300311

CAPÍTULO 12..... 118

A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MENTAL: NO CAPS-AD III DE ARAGUAINA-TO

Sueli Marques Ferraz

Júlia Carolina da Costa Santos

DOI 10.22533/at.ed.39421300312

CAPÍTULO 13..... 127

SUBJETIVIDADES E INFRAÇÃO: SOB ELOS E NUANCES DAS REDES

Cristiane Dameda

Lucas Guerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39421300313

CAPÍTULO 14..... 137

JOVENS EM EXPERIÊNCIAS EXTREMAS DE ABANDONO: TRAUMA E VULNERABILIDADE

Glaucia Regina Vianna

Francisco Ramos de Farias

DOI 10.22533/at.ed.39421300314

CAPÍTULO 15..... 149

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS A RESIDENTES DE AGLOMERADOS SUBNORMAIS: EXPERIENCIA DE UMA COMUNIDADE

Janecléia Ross Araújo

Marcela Araújo Gonçalves Rodrigues

Leonardo Augusto Couto Finelli

DOI 10.22533/at.ed.39421300315

CAPÍTULO 16..... 163

EXPRESSÕES SUICIDAS NO FACEBOOK: UMA DISCUSSÃO DA SUICIDOLOGIA SOBRE A INTENÇÃO DE MORRER

Ricardo Carvalho Quesada

DOI 10.22533/at.ed.39421300316

CAPÍTULO 17..... 177

ALÉM DO CORPO ESCALPELADO: O COMPROMISSO DA PSICOLOGIA DIANTE DA REGIÃO AMAZÔNICA

Joyce Gadelho Moraes

Lorena dos Santos Pereira

Valber Luiz Farias Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.39421300317

CAPÍTULO 18..... 189

ABORDAGEM *MINDFUL EATING* EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL

PELO GRUPO TERAPÊUTICO ALIMENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ianna Andrade Oliveira
Janielly Vilela dos Santos Gonçalves
Thays da Silva Nogueira
Luiza Maciel Gerônimo
Dandara Barahuna Guimarães Bezerra
Bruna da Costa Viana
Fernanda Andrade Martins
Suellem Maria Bezerra de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39421300318

CAPÍTULO 19..... 195

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA PARA A FAMÍLIA E A ESCOLA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL

Gabriela de Souza Paula
Mariana Fernandes Ramos dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.39421300319

CAPÍTULO 20..... 205

LIDERANÇA E A CRIAÇÃO DE VALOR: SOMOS TALENTOSOS OU PERSISTENTES?

Rafaela Baldi Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.39421300320

SOBRE O ORGANIZADOR..... 210

ÍNDICE REMISSIVO..... 211

CAPÍTULO 17

ALÉM DO CORPO ESCALPELADO: O COMPROMISSO DA PSICOLOGIA DIANTE DA REGIÃO AMAZÔNICA

Data de aceite: 29/03/2021

Data de submissão: 15/02/2021

Joyce Gadelho Moraes

UNINASSAU

Belém, Pará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0908816630489428>

Lorena dos Santos Pereira

UNINASSAU

Belém, Pará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4243989760869274>

Valber Luiz Farias Sampaio

UNINASSAU

Belém, Pará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7287932595652905>

RESUMO: O acidente de escalpelamento é característico da região Amazônica, tendo como maiores números de vítimas mulheres e crianças. Este ocorre quando o cabelo dessas vítimas é puxado pelo eixo dos motores de embarcações usadas pela população, geralmente, ribeirinhas e que servem como mobilidade humana diante dos meios de transporte e de sobrevivência. Dessa forma, tem-se enquanto objetivos: investigar o que a Psicologia vem produzindo acerca da temática escalpelamento na Amazônia. Assim como refletir sobre a importância do trabalho da Psicologia no atendimento às vítimas de escalpelamento e averiguar os desafios diante da temática do escalpelamento na região norte. Tivemos como aporte metodológico o levantamento bibliográfico, realizado das seguintes fontes:

Google acadêmico - *SCHOLAR* e Portal da BVS. Enquanto resultados, identificamos uma carência nas produções acerca do tema; assim, como discutimos sobre a importância da tematização desde a formação acadêmica, como modo de regionalizar o debate temático e auxiliar na construção de estratégias diante das políticas públicas e na atuação da Psicologia, sobretudo diante do compromisso ético e social.

PALAVRAS - CHAVE: Escalpelamento; população ribeirinha; psicologia; compromisso social.

BEYOND SCALPED BODY: THE COMMITMENT OF PSYCHOLOGY TO THE AMAZON REGION

ABSTRACT: The scalping accident is characteristic of the Amazon region, with the largest number of victims women and children. This occurs when the hair of these victims is pulled by the axis of the engines of boats used by the population, usually riverside and serve as human mobility in the face of means of transport and survival. Thus, it has as objectives: to investigate what Psychology has been producing about the scalping theme in the Amazon. As well as reflecting on the importance of the work of Psychology in assisting victims of scalping and ascertaining the challenges facing the issue of scalping in the northern region. We had as methodological support the bibliographic survey, carried out from the following sources: Google academic - *SCHOLAR* and *VHL* Portal. As results, we identified a lack in the productions on the theme; thus, as we discussed the importance of thematization since academic training, as a

way to regionalize the thematic debate and assist in the construction of strategies in the face of public policies and in the performance of Psychology, especially in the face of ethical and social commitment.

KEYWORDS: Scalping; riverside population; psychology; social commitment.

A NASCENTE, UMA APRESENTAÇÃO

A temática do escalpelamento não é uma temática inédita diante do saber psicológico. Levando em consideração o breve levantamento realizado, o que se identifica é que há pouca produção como referência de um tipo de ocorrência que possui características relacionadas a gênero, assim como reflete a imagem de determinadas regiões do território brasileiro, sobretudo a região norte do país.

Dessa forma, tendo como centralidade a região Amazônica, identifica-se que esta é a região que contém a maior bacia hidrográfica do mundo e que possui os dois maiores estados do Brasil. A convergência desses dois aspectos coloca-nos diante de uma inquietação no âmbito do compromisso de dar vozes às demandas de uma região que tem como estigma o descaso ou pouco investimentos.

Considerando aspectos do fator amazônico¹ e adotando o estado do Pará como uma região de vasta extensão em água, onde o rio é uma via comum de circulação e mobilidade humana, e que, neste caso, um dos transportes mais utilizados/adequados são as embarcações, tem-se esta como meio de mobilidade pelas vias aquáticas/fluviais. Este território da região amazônica tem seu povoamento caracterizado pela existência de poucos centros urbanos e pela ocupação da maior parte da área de forma difusa, pelos chamados caboclos amazônicos (GUIMARÃES; BICHARRA, 2012).

Os habitantes locais dividem-se em, pelo menos, dois grupos: os que residem nas cidades, ou seja, a população urbana, e transitas, que por motivos particulares circulam em regiões que possuem vias aquáticas, e os que vivem em regiões mais afastadas, que podemos denominar como populações tradicionais (pescadores, extrativistas, ribeirinhos, quilombolas, etc).

Destarte, nosso estudo gira em torno da segunda categoria, os povos tradicionais ribeirinhos, que vivem na em localidades, muitas vezes, de difícil acesso e se formam por pessoas às margens dos rios e nas encostas, e que sobrevivem, principalmente da pesca artesanal, criação de caças, extrativismo vegetal e de pequenas plantações. Suas moradias são erguidas utilizando a madeira como principal alternativa de construção², localizada nas margens dos rios e edificadas há alguns metros acima do nível do rio para evitar que sejam invadidas pelas águas durante os períodos de enchente dos córregos de rios.

Para a população ribeirinha, as embarcações são seus principais meios de

1 Conceito que apresenta a diversidade da região amazônica diante de seu território.

2 Chamadas popularmente casas de palafitas que são construções feitas de taipa (barro em cima de alguns galhos), de palha, e, mais comumente de madeira, feita com estacas que elevam as moradias a fim de evitar a invasão das águas dos rios.

locomoção para exercer praticamente todas as suas atividades cotidianas. Não há um(a) morador(a) nas comunidades ribeirinhas que dispense a utilização de canoas ou barcos para sua mobilidade. Desta forma, suas ruas são consideradas os rios e as embarcações sua principal maneira de deslocamento.

Essas embarcações são, na maioria das vezes, produzidas de forma artesanal pelos/as próprios/as ribeirinhos/as e, que, pela falta de recursos financeiros acabam usando de alguns improvisos. Para dar possibilidade de maior comodidade, adota-se o motor³ como ferramenta de geração de força nos meios de mobilidade (VALE, 2007).

O perigo de ter os motores fixados no meio das embarcações ocorre pelo fato de que em grande parte os eixos que giram a hélice do motor ficam totalmente descobertos, sem nenhum tipo de proteção. Os barcos utilizados pelos/as ribeirinhos/as são de pequenos portes, conseguindo deslocar apenas uma pequena quantidade de pessoas e, na maioria das vezes segue lotado, obrigando os passageiros sentar-se a poucos centímetros do mecanismo giratório de altíssima rotação - eixo do motor. Essas ocasiões são propícias para que ocorra o acidente do escalpelamento⁴. Segundo Lemos, Sampaio e Lima (2018, p.118):

A palavra escalpelamento é derivada do inglês *Scalp*, tendo como correlação o termo *skin*, que significa pele. Assim, é uma lesão envolvendo um brusco arranque do couro cabeludo e da epiderme. O escalpelamento, em geral, ocorre de forma acidental, principalmente em regiões de locomoção fluvial.

Reiterando a pouca produção em torno da temática, sobretudo diante do saber Psicológico, os disparadores frente ao escalpelamento emergem perspectivas a serem pensadas, como a questão de gênero e desigualdade. Fatores que convergem em um silenciamento temático no âmbito social. Logo, estes aspectos surgem como inquietações que desaguam na importância de diálogos em torno da temática.

Ou seja, falar a respeito das pessoas vítimas do escalpelamento por meio do eixo dos motores de embarcações nos permite conhecer, acima de tudo, um tema que envolve a cultura, o território, costumes e tudo aquilo que atravessa a vida dos povos tradicionais ribeirinhos de uma região singular, que são as características da região amazônica. Ou seja, fomentar um diálogo regionalizado, apresentando uma identidade da Psicologia que pouco se traduz em estudos e pesquisas, mesmo na região que compõem essas demandas.

Assim, muito mais do que fechar a questão (que consideramos necessária e um desafio), esse este vem abrir (novos) caminhos para reflexões, na esperança de que estes processos dialógicos e produções que venham pensar em formas de contribuir para visibilidade, enfretamento, protagonismo e desenvolvimento de políticas públicas efetivas voltadas para as vítimas do escalpelamento.

3 Ao invés de remos, como nas embarcações mais rústicas.

4 Vale ressaltar que, há registros desde a década de 70 acerca desses tipos de acidentes (LEMOS, SAMPAIO e LIMA, 2018).

DOS CAMINHOS DE RIOS À PRODUÇÃO CIENTÍFICA, A METODOLOGIA:

Investigar o que vem sendo produzido diante do saber Psicológico demonstra um recorte do compromisso da categoria com as demandas latentes, frente ao seu compromisso ético e social, sobretudo no que tange determinadas regiões e suas especificidades, como é a região norte. Dessa forma, partimos de uma proposta bibliográfica, que apresenta um levantamento de dados e informações relevantes ao tema.

Na abordagem qualitativa há uma sequência de atividades, que envolve a “intensificação” dos dados, a categorização, sua interpretação e a redação de um “relatório” (GIL, 2002). Ainda segundo Gil (2002, p.44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

Foram incluídas para análises artigos selecionados e outros tipos de publicação sobre os povos ribeirinhos diante de tais acidentes de escarpelamento. Como documentos norteadores dessa análise foram selecionadas publicações temáticas, concentrando-se em produções do saber Psicológico. Utilizamos como fonte de coleta de dados artigos científicos publicados no Google acadêmico - *SCHOLAR* e Portal da BVS.

Como critérios de inclusão, limitou-se às publicações nacionais, entre os anos de 2016 até o mês de setembro do ano de 2020. Sobre a pesquisa de publicações, utilizaram-se enquanto palavras-chave os termos: *escarpelamento*; *ribeirinhos* e *mulheres escarpeladas*. Posteriormente, quando inserida a palavra-chave “*Psicologia*” esses números de produções apresentavam uma redução diante do resultado⁵.

DOS DESAGUES DA FOZ, OS RESULTADOS

De acordo com os levantamentos realizados no Google acadêmico - *Scholar* e Portal da BVS, sobre as produções científicas que tivessem como temática o escarpelamento pelo eixo dos motores das embarcações, obtivemos os seguintes resultados, diante dos cursos que mais produzem diante da temática:

5 Vale ressaltar que não fora estabelecido critérios de publicações por regiões no território nacional.

| ## | CURSOS | PERCENTUAL DE PUBLICAÇÕES |
|----|---------------------|---------------------------|
| 1° | Medicina | 30% |
| 2° | Terapia ocupacional | 25% |
| 3° | Fisioterapia | 20% |
| 4° | Enfermagem | 15% |
| 5° | Psicologia | 10% |

Tabela 01: Produções diante da temática do escalpelamento.

Dentre esses, selecionamos a produção de conhecimento em pesquisa do saber Psicológico por meio da seguinte tabela:

| Autores/as | Ano | Região | Objetivo | Método | Participantes | Resultados |
|-------------------------------|------|-----------|--|---|--|---|
| Jesiane Caldeirado Costa Vale | 2007 | Belém- PA | Estudar o escalpelamento sob a perspectiva a da Psicologia, enfocando o sofrimento psíquico e a sua expressão. | Método clínico qualitativo, foram usados dois instrumentos projetivos; o teste de fábulas e o desenho da figura humana. | Foram selecionados dois participantes, uma criança de 7 anos e uma adolescente de 17 anos. | Constatou não ser apenas o corpo portador de um sofrimento, mas também o psiquismo. |

Tabela 02: Produções na área de Psicologia.

DIANTE DOS FLUXOS E CURSOS, AS DISCUSSÕES

Como podemos observar nas tabelas apresentadas, os levantamentos investigados levaram em consideração a inclusão de artigos científicos, dissertação de mestrado e trabalho de conclusão de curso. Sendo o primeiro o curso com maior número de publicações diante da temática está o curso de medicina com um percentual de 30%, no qual se refere a 6 publicações; em segundo lugar, o curso de terapia ocupacional com 25%, no qual se refere a 5 publicações; em terceiro lugar, o curso de fisioterapia com 20%, que se refere a 4 trabalhos publicados; em quarto lugar o curso de Enfermagem com 15%, que se refere a 3 trabalhos; e em quinto lugar o curso de psicologia com 10%, que se refere a 1 das publicações encontradas nas bases de dados e pesquisas.

Diante disso, foi percebido uma carência de trabalhos científicos no curso de Psicologia referente ao escalpelamento por eixo dos motores das embarcações, o que nos faz ponderar a importância de debatermos o tema que apesar de ser uma problemática regional, precisamos dar mais visibilidade, refletir que o acidente é uma questão de saúde

pública e pensarmos também na saúde mental de quem sofre as consequências do acidente. Dessa forma, apresentamos tais categorias de reflexões em torno da temática e resultados apresentados diante de nossos tópicos.

Os povos ribeirinhos e o acidente do escalpelamento

Para Guimarães (2012), ribeirinho é o nome dado às pessoas nativas da Amazônia, que residem ao longo das margens dos rios, em condições de moradias simples, às margens dos rios e seus afluentes. Essa população tem como seu principal modo de mobilidade humana os barcos. Segundo Vale (2007), nas embarcações pequenas é comum que os passageiros se sentem próximo ao eixo do motor, que se estende longitudinalmente do motor até a hélice sem nenhuma proteção. Esses motores, normalmente, são fixados em pequenas tábuas de madeiras, no centro do assoalho das embarcações.

Vale (2007, p. 14) ressalta que:

O Pará, como um Estado do Norte brasileiro, recebe a Bacia Amazônica que é formada pelo Rio Amazonas, seu rio principal, bem como os seus afluentes e subafluentes, além de uma quantidade acentuada de lagos, igarapés e furos que se acham distribuídos por toda a região.

Na região amazônica, é característico que algumas mulheres cultivem os cabelos longos diante de fatores culturais (CUNHA *et al*, 2012), por preservação de costumes atribuídos às suas descendências e/ou questões religiosas, contribuindo para que a maioria das vítimas sejam de mulheres de 7 a 16 anos (*ibid*, 2012). Assim, o acidente ocorre, muitas vezes, devido hábitos cotidianos: abaixa-se para retirar a água que se acumula na embarcação ou para pegar algum objeto no assoalho do barco. Para Vale (2007) é nesse momento que o cabelo da vítima se enrosca no eixo do motor, sem qualquer proteção, fazendo com que a força de tração promovida pelo eixo tracione os cabelos das vítimas e o couro cabeludo, sendo brutalmente arrancado, provocando o escalpelamento. Esse tipo de acidente não atinge somente o escalpo, podendo até mesmo levar ao óbito.

Segundo dados da Capitania dos Portos da Amazônia Oriental - CPAOR (2020), 93% dos casos de escalpelamento da região amazônicas têm mulheres como vítimas. Destas, 65% são crianças, 30% adultos e 5% idosos.

Para tentar dar conta desse tipo de acidente que é característica da região amazônica, algumas estratégias são criadas para evitar esse tipo de acidente. As políticas de enfrentamento às situações adversas das embarcações é tema recorrente de diálogos realizados através Marinha do Brasil e já está prevista em lei de nº 9.537 de 1997, denominada “Lei de Segurança do Tráfego Aquaviário”. Porém, a ausência de controle dessas normas intensifica a frequência de acidentes sobretudo na região norte do país⁶.

6 O deputado Camilo Capiberibe (PSB-AP) posiciona-se através do projeto de Lei de nº 1.494 de 2019 no Estado do Amapá, onde houve a proposta que torna obrigatória a instalação de equipamento suplementares de segurança passiva de proteção do motor para novas embarcações. Assim, através desta, torna-se obrigatório o equipamento que deve ser capaz de isolar o contato do corpo do ocupante com o motor, eixo e quaisquer outras partes das embarcações. A proposta seria uma continuação da Lei 11.970/09, que já obriga a instalação de uma cobertura nas partes móveis dos

Porém, como as embarcações utilizadas pelos ribeirinhos são, normalmente, feitas de forma artesanal, geralmente estas não seguem padrões básicos de segurança.

O acidente é tão violento que algumas das vítimas não escapam com vida e as que escapam carregam consigo feridas que não se fecham mesmo depois de anos de tratamento, feridas que vão além das sequelas físicas. É dessa forma que se torna significativa para o saber psicológico pensar frente ao sujeito que sofre o acidente do escalpelamento. Ter esse olhar que vai além do corpo físico é de extrema importância para fomentar cuidados específicos, singularizando os diálogos em torno do tema.

Assim, carece pensar para além do acidente físico. Pois, vários aspectos psicológicos podem estar latentes, como a questão narcísica (autoestima), a síndrome do pânico, ansiedade, quadros depressivos, dentre outros (GUERRA, 2019)⁷. Com os altos números de acidentes de escalpelamento diante das crianças, como pensar a autoimagem diante do seu crescimento? E nos ambientes como os escolares, como evitar o processo de revitimização? E as vidas que são atravessadas pelo processo, muitas vezes longo, de acompanhamento hospitalar? E a ausência de famílias nas visitas e acompanhamentos diante da desigualdade e distâncias territoriais da região amazônica? Essas são pequenas dúvidas que nos surgem com às quais devemos pensar diante do contexto regional nos atendimentos para além das marcas físicas.

Vale (2007) afirma que durante as entrevistas para sua dissertação, a própria pesquisa acaba dando vazão para a latência das dores psicológicas de entrevistados/as, enquanto expressão da dor. Há de se considerar os sofrimentos diversos que estão imbricados nos modos de existência dessas vítimas.

Tal acontecimento é da ordem do inesperado, e cunha-lhes no corpo e no psiquismo, uma tragédia, uma deformação, uma mutilação. É grandioso o impacto psíquico produzido pelo escalpelamento, e se configura como uma experiência única, inquestionavelmente subjetiva, e marcadamente singular (*Ibid*, 2007, p. 74).

Cabe ressaltar que a Secretaria de Saúde do Pará - SESP (2019), foram registrados cerca de 12 (doze) casos de escalpelamento no estado do Pará. Já, até agosto de 2020, cerca de 5 (cinco) casos foram registrados no estado⁸. Isso representaria cerca da redução de 61% dos casos no ano anterior, mas não cessa as preocupações em torno de um tipo de acidente que é característico da região norte.

Segundo o Ministério Público do Trabalho - MPT (2020), no estado do Pará, Belém, Breves, Cametá, Muaná, Currálinho e São João da Boa Vista são os municípios que possuem o maior índice de acidentes de escalpelamento.

motores das embarcações.

7 Fonte: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/08/28/no-dia-de-combate-e-prevencao-ao-escalpelamento-para-ja-registra-cinco-acidentes-em-2020.ghtml>>.

8 Estes foram ocorridos nas cidades de Muaná, Afuá, Portel, Ananindeua e Oriximiná.

A atuação com pessoas vítimas de escalpelamento: um olhar da Psicologia

Mas qual nosso papel, enquanto profissionais do saber Psicológico? Ao passarmos pela experiência de alteração da integridade corporal estamos diante do processo de perda da imagem construída em torno de si mesma/o, das mudanças abruptas no cotidiano, do afastamento dos laços, dentre outros. Quantos processos psíquicos estão envolvidos nesse ato violento, que nos arranca de nós mesmas/os?

Tomando como centralidade o estado do Pará, sabemos que a concentração das políticas públicas para lidar com esse tipo de acidente ocorre na capital paraense, em Belém, mesmo reconhecendo que os maiores índices sejam em locais distantes. Atualmente tem-se o Programa de Atendimento Integral às Vítimas de Escalpelamento - PAIVES; programa mantido pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - FSCMP em Belém, que dá assistência às pessoas vítimas de escalpelamento.

A FSCMP é a instituição de referência diante da temática em Belém. Mas os primeiros atendimentos podem se dar nos hospitais regionais ou Pronto Socorro diluída nos diversos territórios do estado do Pará; assim como diante do Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência - HMUE, também localizado na região metropolitana de Belém.

Essa abordagem inicial é realizada visando a estabilização do estado da/o paciente - que muitas vezes corre risco de ir a óbito, sobretudo pelas lesões e sangramento intenso - e logo em seguida encaminhado aos serviços do PAIVES, na FSCMP. Nesta, ocorre o acompanhamento multidisciplinar da/o paciente.

A atuação da equipe multiprofissional no tratamento de vítimas de escalpelamento é fundamental. Por exemplo, o sujeito não se recupera totalmente dos danos físicos e dos problemas psíquicos causados. Ainda segundo Guimarães (2012, p.71):

Assim, o escalpelamento apresenta-se como uma tragédia que mutila, desfigura e deforma crianças, adolescente e mulheres nos rios da Amazônia. Modificando as vidas de suas vítimas, mas não somente delas, diretamente atingidas, como também dos que as cercam. Por isso, este acidente ocasiona repercussões muito graves, tanto pela lesão físico-orgânica em si, quanto pelas consequências psicológicas e sociais que provoca.

O trabalho da equipe multidisciplinar, especialmente do saber psicológico, é buscar a recuperação da autoimagem da mulher, para ela se perceber a partir desta resignificação. “As alterações físicas que podem ocorrer, principalmente na região da face, constituem uma ameaça a essas mulheres, relacionado à sua autoestima, a quem ela passa a ser, e em como ela passará a se relacionar com as outras pessoas” (CUNHA; ROSA, 2016, p. 11). Cabe inserir que, auxiliar a/o vítima de escalpelamento, está para além de pensar a resignificação de sua autoimagem, mas todo o processo complexo que envolve suas fantasias, medos, insegurança, dores, dentre outros.

As lesões causadas pelo acidente acabam trazendo mudanças físicas. A perda dos cabelos, as cicatrizes, entre outros, tudo isso acaba mexendo com

o imaginário dessas mulheres com relação à beleza. A insegurança, o medo de preconceito, vergonha, são alguns dos sentimentos que fazem com que essas mulheres muitas vezes se isolem da sociedade (*Ibid*, 2016, p. 10-11).

Quando falamos acerca desse imaginário, compreendemos o processo de singularização desse atendimento, que podem perdurar por anos, visto que o tempo de internação é fundante de uma lacuna na vida dessas pessoas, atravessando o campo educacional, familiar, laboral, etc. Cada caso é uma intensa imersão na singularidade, em como cada uma cria estratégias de sobrevivência e equilíbrio para sustentar sua(s) dor(es).

Se espera que ela tenha outra visão de si mesma, da vida, pois estes acidentes desencadeiam diversas fobias e transtornos. Também visa criar condições para o resgate da autoestima das vítimas, pois a perda do cabelo ou outras partes do corpo atingidas brutalmente no acidente, deixam marcas que vão além do corpo escalpelado.

Alguns fatores sociais como a discriminação em relação a quem sofre o acidente.

Vale (2007) nos apresenta as expressões de crianças através da fermenta lúdica; e, por consequência, seus/suas familiares, através das entrevistas. A vulnerabilidade emocional, a culpa, a vergonha, o medo da rejeição e do abandono, da discriminação, muitas acabam se isolando e despertando o desejo pelo suicídio, são alguns dos fatores e sofrimentos psíquicos que as vítimas carregam consigo (*Ibid*, 2007). Como pensar protocolos de atenção às vítimas de escalpelamento sem singularizar a dor, tal como carecemos fazer com políticas públicas em determinadas regiões?

Outro fator significativo para pensarmos os atravessamentos do acidente de escalpelamento está em torno do distanciamento que é ocasionado através do processo de cuidados das instituições hospitalares. Levando em consideração o fator amazônico, sabemos que as distâncias entre territórios são intensas. Logo, a partir do momento que ocorre um acidente com uma vítima de escalpelamento, há uma limitação no quesito da internação nas instituições hospitalares.

Se o fator mudanças de cotidiano já pode gerar um efeito psicológico, soma-se o afastamento do convívio com os laços sobretudo, se considerarmos que o índice de desigualdade é intenso na região norte do país, o que, conseqüentemente, também teria o efeito no processo de mobilidade desses/as familiares até as instituições de internação.

Dessa forma, identifica-se necessidade de oferecer suporte aos/às acompanhantes das vítimas, pois o acidente mexe na dinâmica familiar do sujeito que sofreu o escalpelamento. Sendo assim, oferecer acolhimento e atendimento humanizado a vítima durante o enftretamento e tratamento, minimizando suas perdas físicas, sociais, psicológicas e cognitivas; favorecer a humanização; diminuir a ociosidade e problemas decorrentes desta e valorizar as suas potencialidades. Falar de um acidente ainda tão recorrente na região amazônica, nos faz pensar diante disso, a saúde mental do sujeito escalpelado a importância do cuidado e de programas assistências as mulheres vítimas de escalpelamento.

Logo, todos esses fatores contribuem para a necessidade de construções de políticas públicas de forma integradas, apresentando o processo de cuidado em meio à intersetorialidade. Pois o suporte intervencional a nível de saúde não é o suficiente. Ações preventiva, fiscalizadoras, conscientização e que auxiliem, inclusive, na destituição da desigualdade social são necessários para a efetivação de êxito diante da temática.

Como fator fundamente de nossa profissão, cabe a nós, diante do nosso compromisso social e ético, fazer emergir essas vozes de dilemas que são produzidos através de fatores diversos, tendo conformidade com os princípios fundamentais da Psicologia quando predispõe que a atuação deva promover a “[...] saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades [...] e a atuação “[...] com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005, p. 7).

A ausência de produções acerca da temática é uma de nossas inquietações diante da pesquisa, sobretudo porque evidencia uma lacuna diante da saúde pública da região. E, acreditamos, que é só através da produção dessas temáticas que fazemos ressoar as vozes que, aparentemente, se encontram negligenciadas diante das construções de legislações e políticas públicas.

Nos questionamos, também, no que circunscreve a formação em Psicologia. Pois, sabemos que grande parte das formações no Brasil seguem um parâmetro vinculado às diretrizes curriculares de empresas nacional. Porém, necessitamos regionalizar os debates acerca das demandas latentes nos territórios.

No estado do Pará e Amapá, o sistema conselhos, através do Conselho Regional de Psicologia - CRP 10 (10ª Região), é atuante da Comissão Estadual de Combate aos Acidentes com Escalpelamento, que tem como objetivo realizar articulação e ações diante da temática.

Ainda assim, ainda identificamos, como a própria pesquisa demonstra, a ausência de diálogos, documentos legitimados por entidades representativas e produções que embasem essas práticas. E essas lacunas esvaziam ou negligenciam o compromisso social e ético do saber Psicológico com a sociedade.

OS LEITOS POR ONDE CORREM OS RIOS - CONSIDERAÇÕES FINAIS(?)

Diante das observações apresentadas, nota-se a importância de debatermos o acidente de escalpelamento, especialmente no que se refere a carência de produções científicas em Psicologia. Assim, refletir o fazer da Psicologia no cuidado às vítimas de escalpelamento, contribuindo para uma maior visibilidade, abrindo novas reflexões acerca da temática. Apesar do acidente ser recorrente na região Norte do Brasil, precisamos dialogar “novas” articulações/regionalizações de políticas públicas, visto que o acidente de escalpelamento é considerado uma questão de saúde pública.

Nesse sentido, refletir para além do corpo escalpelado, para além das questões

físico-orgânica causadas em decorrência do acidente, faz-se necessário. Os fatores psicossociais, sobretudo, pensando na saúde mental de quem sofre o acidente, os preconceitos enfrentados, a baixa autoestima e a rotina de um longo tratamento para as situações mais graves são demandas que urgem serem pensadas, articuladas e executadas. Todavia, pensar no papel da Psicologia diante da região Amazônica, auxilia para novos olhares, para uma Psicologia atuando no seu fazer social.

Sabemos que os leitos são caminhos por onde as águas correm nos rios. É dessa forma que consideramos a perspectiva de dialogar acerca da temática, desaguando no fato de que esta pesquisa é uma importante contribuição para o meio acadêmico e profissionais da Psicologia diante da nossa região Amazônica, assim como na identificação de que seja necessário a ampliação dialógica para novas estratégia de combate ao acidente (perspectiva da prevenção) e cuidados com as vítimas (na ampliação e na reflexão da complexidade com a qual esse tipo de acidente se apresenta).

O rio não cessa, o conhecimento não se finda. As demandas continuam vigentes e o escalpelamento não se trata apenas de uma perda brutal dos cabelos, como ainda é vista por muitos/as que desconhecem a realidade regionalizada de diversas populações. Destarte, necessita-se ampliar a margem de debates acerca da regionalização brasileira no que tangem as políticas públicas. Pois, como no escalpelamento, as consequências do acidente são múltiplas - físicas, sociais e psicológicas. Carecemos ir além, para pensarmos o imaginário, o simbólico e os sofrimentos decorrentes desta violência contra o corpo. Ou seja, contra o que há de mais íntimo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. M. R. D. **Geografia dos Transportes: Trajetos e Conflitos nos Percursos Fluviais da Amazônia Paraense: Um Estudo Sobre Acidentes em Embarcações**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; 2006.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, agosto de 2005.

CUNHA, Caio B.; SACRAMENTO, Raquel de M. M.; MAIA, Bernardo P.; MARINHO, Renan P.; FERREIRA, Hilton L.; GOLDENBERG, Dov C.; MENEZES, Maria L. C. P. Perfil epidemiológico de pacientes vítimas de escalpelamento tratados na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 3-8, Mar. 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-51752012000100003&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 12 de fev. de 2021.

CUNHA, J. O.; ROSA, M. R. S. **Experiência de mulheres escalpeladas acerca da alteração de imagem corporal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem), Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, 2016.

GUIMARÃES, A. G. M. **O processo de construção de políticas públicas em prol do ribeirinho vítima de escalpelamento na Amazônia**. [Dissertação]. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará; 2010.

GIL, Antônio **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 04.ed. São Paulo: atlas,2002.

GUIMARÃES, André **Mulheres da Amazônia: o drama do escalpelamento**. 01.ed. Ceará: eduece, 2012.

LEMOS, Flávia C. S.; SAMPAIO, Valber L. F.; LIMA, Maria L. C. Escalpelamento de Mulheres na Amazônia: a psicologização das vítimas. In. MATTIOLI. Olga. C.; ARAUJO. Maria. F. **Violência e relações de gênero: dez anos de publicações e pesquisas**. 01.ed. Curitiba: CRV, 2018. Cap.11, p.181.

MAGNO,Danielle L.D; GONÇALVES. Bruna. M.; ALMEIDA. Renan M. V.; GUIMARÃES. André. M.; BICHARA. Clea N. C. **Escalpelamento nos rios da Amazônia: um problema de saúde pública**, 2012.

MOTA, M. A. **A contribuição da Fisioterapia no tratamento de vítimas de escalpelamento [Trabalho de conclusão de Curso]**. Belém: Universidade do Estado do Pará; 2000.

NOGUEIRA, R. J. B. **A navegação interior**. In Amazonas um estado ribeirinho. Editora Universidade do Amazonas, Manaus-Am, 1999.

RIBEIRO, K. T; BARATA, R. B. **Saúde: vulnerabilidade social, vizinhança e atividade física**. Cad. Metrop. V.18, n.36, 2016.

SANTOS, P. D. B; FERREIRA, L. S. **Terapia ocupacional e a criança ribeirinha amazônica vítima de escalpelamento por eixo de motor de barco**. Cad Ter Ocup UFSCAR. V.23, n.1, p.117-130, 2015.

VALE, J. C. C. **A compreensão do sofrimento no escalpelamento: um estudo utilizando o grafismo e o teste das fábulas**. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará. 2007.

VOLTOLINI, R. **O que temos a ver com as meninas de turbante da Amazônia?** 2003. Disponível em: <http://200.242.252.70/oliberal/social/default7.asp>. Acesso em: 17 /01/2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono 81, 137, 138, 141, 144, 147, 153, 185

Acompanhamento terapêutico escolar 100, 101, 108, 110

Adolescência 81, 113, 128, 129, 131, 135, 137, 140, 141, 143, 147, 175

Aglomerados subnormais 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161

Alimentação 112, 113, 114, 115, 116, 124, 143, 146, 189, 190, 191, 192, 194

Assédio moral 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Atenção plena 189, 190, 191, 192, 194

Autoestima 42, 57, 68, 71, 72, 74, 75, 86, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 142, 146, 152, 153, 183, 184, 185, 187

Autoimagem 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 116, 183, 184

Autorregulação da aprendizagem 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 45

Avaliação escolar 91, 92, 93, 95, 96, 99

B

Bullying 2, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104

C

Comportamento alimentar 112, 113, 115, 190, 191, 193

Comportamentos de cidadania organizacional 46, 47

Comportamentos de risco 46, 47, 48

Compromisso social 177, 186

Compulsão alimentar 112, 114, 116, 117, 191

Covid-19 1, 2, 3, 7, 9

Crenças infantis 50

D

Desenvolvimento 3, 11, 12, 18, 43, 46, 47, 50, 52, 65, 80, 82, 83, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 113, 122, 125, 131, 133, 134, 137, 140, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 179, 191, 202, 205, 206, 208, 210

E

Educação alimentar e nutricional 190, 191, 193

Educação pré-escolar 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 63, 65, 66, 67

Educação sexual escolas 46

Ensino superior 5, 10, 35, 36, 37, 40, 43, 44, 45, 91, 152, 210
Escola 33, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 137, 140, 145, 153, 159, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202
Estigma social 150, 160, 161
Estilo de liderança 10, 11, 12, 13, 15, 18
Estilos de crianza 68, 71, 73, 74, 76, 78
Estratégias autoprejudiciais 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44
Estratégias de mediação 21, 23, 24, 26, 29, 32
Exclusão social 137, 152, 153
Experiência traumática 137

F

Família 21, 22, 57, 66, 87, 88, 105, 113, 122, 123, 140, 143, 145, 146, 147, 153, 156, 166, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203
Funções sensoriais 190

H

Habilidades diferentes 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79
Hábitos alimentares 111, 112

I

Impactos psicossociais 149, 150, 152, 153, 160
Inclusão 14, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 152, 154, 180, 181, 200, 204
Infância 44
Infração 127, 128, 133, 135

N

Nutrição 37, 112, 113, 114, 116, 117, 189, 190, 191, 193, 194

P

Pesquisa qualitativa 163, 167
População ribeirinha 177, 178
Prazer e sofrimento 21, 27
Preconceito 102, 150, 154, 158, 185, 197
Psicologia comunitária 118, 119, 124, 125, 126
Psicologia organizacional 10, 12

Q

Qualidade de vida 32, 80, 81, 82, 88, 89, 106, 119, 123, 158, 186, 195, 196, 202

R

Relações de grupo 81

S

Saúde mental infanto-juvenil 195, 196, 197, 202

Subjetividades 21, 23, 127, 128, 129, 130, 131, 146

Suicídio em redes sociais 163

T

Trabalhador 1, 3, 7, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 126

Tráfico de drogas 127, 128, 130, 131, 133

Transição escolar 50

Transtornos da alimentação 112

Transtornos de ansiedade 91, 96, 98

V

Violência 3, 6, 7, 8, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 187, 188

Vitimização 80, 81, 84, 85, 86, 88

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021